

CAPÍTULO 1

A RESISTÊNCIA ATIVA DOS PROFESSORES À DOCTRINAÇÃO OBSCURANTISTA NEOLIBERAL¹

Newton Duarte

Introdução

O adoecimento do professor é um fenômeno no qual se entrecruzam fatores objetivos e subjetivos, tornando-se um complexo objeto de estudo. Baixa remuneração com consequentes limitações das condições de vida, grande dispêndio de tempo com atividades ligadas ao trabalho, incluindo-se o tempo gasto com transporte, estresse gerado pelo acúmulo de problemas profissionais e familiares, autoritarismo nas relações entre os administradores das redes escolares e os professores, precariedade dos contratos de trabalho, vulnerabilidade em situações de violência na escola, ausência de efetivos mecanismos de defesa em situações de conflitos com alunos e pais de alunos, ataques dos governantes e do patronato às tentativas de mobilização sindical dos professores das redes públicas e privadas, desvalorização social da profissão, são apenas alguns dos muitos fatores que poderiam ser aqui listados.

Não me proponho a analisar neste texto toda a complexa rede de fatores que geram o adoecimento do professor na atual realidade brasileira. Assumindo o risco de unilateralidade da minha análise, tomarei como foco a doutrinação obscurantista

¹ Para elaboração deste texto o autor apoiou-se em parte dos estudos que vem realizando na pesquisa intitulada “Para além da escolha entre doutrinação e neutralidade: fundamentos epistemológicos e éticos da escola democrática”. Essa pesquisa vem sendo desenvolvida no período de setembro de 2019 a junho de 2020 na Universidade Simon Fraser, Vancouver, Canadá. Conta com bolsa da FAPESP para o período de novembro de 2019 a fevereiro de 2020 (processo 2019/11802-7).

neoliberal, defendendo o argumento de que a resistência ativa a essa doutrinação é necessária ao enfrentamento do problema do adoecimento dos professores. O processo de imposição ideológica pró-capitalista atua de maneira a reduzir o sentido da atividade educativa a uma adaptação imediatista ao *status quo*, tornando o professor um mero instrumento do projeto societário neoliberal, com graves resultados deletérios para sua vida profissional e pessoal em consequência da interdição do pensamento crítico e criativo.

1. adoecimento do professor como reflexo do adoecimento da sociedade capitalista

Abordar o tema do adoecimento do professor no Brasil da atualidade é uma tarefa que remete a reflexões sobre o adoecimento da própria sociedade brasileira. Uma sociedade que em 2018 elegeu como presidente da República um deputado federal que dois anos antes, na Câmara dos Deputados, dedicou a um torturador da época da ditadura² seu voto a favor do *impeachment* da presidenta Dilma Roussef. Em 2019, já no exercício da presidência da República, Bolsonaro rompeu com o partido político pelo qual havia sido eleito no ano anterior e participou do lançamento da proposta de criação de um partido chamado “Aliança pelo Brasil”.

Por ocasião do anúncio da mobilização para criação da nova legenda partidária, foi exposto um painel no qual o nome do partido foi escrito com cartuchos de bala³ de armas de fogo. Nessa mesma linha de simbolismo tosco da mentalidade bélica que inspira os adeptos dessa nova agremiação partidária, o número escolhido para o partido foi o 38, numa referência ao

² <https://revistaforum.com.br/noticias/bolsonaro-dedica-voto-ao-coronel-brilhante-ustra-torturador-da-ditadura/> Acesso em 26/12/2019.

³ <https://conservadorismodobrasil.com.br/2019/11/alianca-pelo-brasil-ganha-obra-feita-com-cartuchos-de-balas.html> Acesso em 28/12/2019

“três oitão”, como é chamado um revólver popular entre os adeptos dessa cultura do uso generalizado de armas de fogo pela população. O deputado articulador dessa legenda também teria afirmado que outra opção de número para o partido seria 64, para lembrar o ano do golpe militar⁴.

O obscurantismo se espalhou de tal forma por todos os âmbitos da vida social brasileira, que as pessoas se sentem orgulhosas de manifestar nas redes sociais as formas mais violentas de ódio, a ponto de saudarem a morte de crianças⁵ e jovens⁶.

Há, porém, pessoas que acreditam, como o economista Delfim Neto, que foi ministro da Fazenda, da Agricultura e do Planejamento durante a ditadura que se implantou com o golpe de 1964, que esse obscurantismo seria apenas o “lado sombrio” do atual governo brasileiro. Esse mesmo governo teria, entretanto, um “lado iluminado”, constituído pela política econômica conduzida pelo ministro Paulo Guedes⁷. Esse tipo de interpretação por parte de Delfim Neto soa de maneira intrigante. Haveria aí uma referência autobiográfica sobre sua participação nos governos ditatoriais em que ele, então, teria sido o “lado iluminado”?

Ironias à parte, o fato é que essa linha interpretativa sobre o atual governo é bastante difundida, mesmo entre líderes políticos e intelectuais que não são tão sinceros quanto Delfim Neto e, portanto, não chegam a admitir publicamente que consideram positivamente a linha econômica adotada pelo atual governo federal. Suspeito que esse tenha sido o cálculo sociopolítico de muitos que assumiram ares de neutralidade no se-

4 <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2019/11/22/alianca-pelo-brasil-e-partido-militar-brasileiro-podem-entrar-em-disputa-por-38.htm> Acesso em 28/12/2019

5 https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/02/opinion/1551487708_675741.html Acesso em 26/12/2019

6 <https://jornistaslivres.org/metia-um-drone-com-granadas-todo-final-de-semana-vizinhos-ricos-de-paraisopolis-apoiam-acao-da-pm/> Acesso em 26/12/2019

7 <https://economia.uol.com.br/noticias/estadao-conteudo/2019/11/25/governo-tem-um-lado-iluminado-e-um-lado-sombrio-afirma-delfim-netto.htm> Acesso em 28/12/2019

gundo turno das eleições presidenciais de 2018, sabendo que essa “neutralidade” significava o endosso à vitória do candidato de extrema direita.

Mais do que isso, muitos acreditam que seja possível separar, no atual governo brasileiro, o obscurantismo de um lado e a política econômica neoliberal de outro. É o que parece acreditar, por exemplo, o jornal Folha de São Paulo, que faz críticas a falas e atitudes do “lado sombrio” do governo Bolsonaro, mas que em editorial de 05/11/2019 afirmou que a política econômica do ministro Paulo Guedes estaria “na direção correta”, pois visaria “a modernização do Estado e o controle do gasto público”⁸.

Note-se que o ministro Paulo Guedes se inspira na política econômica que foi implantada no Chile pelo governo ditatorial e sangrento do general Augusto Pinochet, que criou as condições ideais para a imposição desse modelo socioeconômico à nação chilena⁹. Não se trata de uma união acidental da ditadura de Pinochet com o neoliberalismo econômico, mas de um projeto político que contou com a participação ativa dos EUA no próprio golpe de estado, como foi provado documentalmente (KORNBLUH, 2003).

Os governos chilenos posteriores à ditadura continuaram a adotar as políticas econômicas neoliberais, como se não houvesse outro caminho possível para a economia daquele país. As manifestações nas ruas de Santiago em 2019 transformaram-se numa denúncia enfática dos resultados desastrosos da privatização da educação, da saúde, da previdência etc. Talvez uma parte da população brasileira ainda não consiga perceber as relações entre as manifestações no Chile e as medidas econô-

8 <https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2019/11/na-direcao-correta.shtml> Acesso em 28/12/2019

9 <https://www.eldesconcierto.cl/2016/11/02/neoliberalismo-en-chile-nace-se-profundiza-y-se-retira/> Acesso em 28/12/2019.

micas que vêm sendo tomadas pelo atual governo brasileiro.

Muitas pessoas, por não perceberem essas relações, apoiam essas medidas, em boa parte ludibriadas pela massiva propaganda feita em favor de políticas econômicas neoliberais. Mas há uma parcela da sociedade brasileira, na qual se incluem empresários, economistas, líderes políticos e intelectuais de vários campos da atividade social, que sabe muito bem o que significa a adoção das políticas neoliberais.

Essas pessoas tergiversam quando usam expressões como “modernização do estado”, “saneamento das contas públicas” e outras similares. Elas tentam enganar a população, e algumas talvez enganem a si próprias, jogando uma cortina de fumaça sobre o fato de que o capitalismo tornou-se uma sociedade insustentável, uma forma de organização social que só tem agravado os grandes problemas que desafiam à espécie humana, como a destruição das condições ambientais de vida em nosso Planeta, o aumento insuportável das desigualdades sociais, o aprisionamento da humanidade aos incontroláveis mecanismos de mercado, o aumento das muitas formas de violência e a perda de sentido das atividades humanas e, no limite, da própria vida.

Mesmo que as elites tentem enganar a população e a si mesmas de que o capitalismo seria eterno, a realidade fala mais alto e as políticas neoliberais não passam de tentativas de dar sobrevida a um modelo social falido e, ao mesmo tempo, uma forma de tentar assegurar, enquanto for possível, os escandalosos privilégios da classe dominante. É como no caso do naufrágio de um navio de cruzeiro com passageiros de diferentes classes que, entretanto, teria botes salva-vidas apenas para os passageiros de primeira classe, sendo necessárias medidas extremas para que os passageiros dos porões do navio não chegassem a esses botes.

O professor norte-americano John Bellamy Foster, publicou em fevereiro de 2019 um artigo sobre o fracasso do capitalismo, sendo que o artigo inicia da seguinte maneira:

Em menos de duas décadas no século XXI é evidente que o capitalismo falhou como sistema social. O mundo está atolado em estagnação econômica, financeirização e na mais extrema desigualdade da história da humanidade, acompanhada de desemprego e subemprego em massa, precariedade, pobreza, fome, produção e vidas desperdiçadas, e o que, a essa altura, só pode ser chamada de “espiral da morte” ecológica planetária. A revolução digital, o maior avanço tecnológico de nossa época, passou rapidamente de uma promessa de comunicação livre e produção liberada para novos meios de vigilância, controle e deslocamento da população trabalhadora. As instituições da democracia liberal estão a ponto de colapso, enquanto o fascismo, a retaguarda do sistema capitalista, está novamente em marcha, junto com o patriarcado, o racismo, o imperialismo e a guerra. Dizer que o capitalismo é um sistema falido não é, é claro, sugerir que seu colapso e desintegração são iminentes. Isso significa, no entanto, que deixou de ser um sistema historicamente necessário e criativo no seu início para ser um sistema historicamente desnecessário e destrutivo no século atual. (FOSTER, 2019, p. 1).

Embora o capitalismo seja um sistema social sem sustentabilidade e as políticas neoliberais produzam efeitos perversos para a maioria da população, a ideologia neoliberal está impregnada na subjetividade das pessoas. E isso não ocorre por acaso. Há um intenso processo de doutrinação nessa ideologia pelas diferentes mídias, pelas instituições educacionais e por igrejas. Não é o caso de me estender aqui na análise dos diver-

sos elementos da ideologia neoliberal, mas destacarei, no próximo item, alguns pontos diretamente ligados ao tema deste texto.

2 A ideologia obscurantista neoliberal e o adoecimento do professor

O primeiro elemento da ideologia neoliberal a ser aqui destacado é a crença de que não há alternativa social viável ao capitalismo. Não que necessariamente as pessoas pensem sobre o capitalismo ou sequer empreguem esse termo. Muitas simplesmente aceitam como natural a maneira como as coisas são, como a sociedade funciona, aceitam “a vida como ela é”. Existem também aqueles que gostariam de ver a sociedade organizada de outra forma, com menos desigualdades, com mais respeito à natureza etc., mas que consideram impossível uma mudança social profunda e ampla. E não é pequeno o número dos que defendem conscientemente o capitalismo como a única forma possível e desejável de organização social, e combatem de todas as maneiras qualquer mínima crítica ao capitalismo e qualquer esforço por se pensar outras formas de sociedade e da vida humana.

É interessante que muito se fala em criatividade, que é uma característica de personalidade considerada obrigatória. Dizer que uma pessoa não é criativa é o mesmo que dizer que ela tem uma deficiência, uma síndrome, um *déficit*, um distúrbio psíquico. Mas a criatividade exigida deve estar circunscrita aos limites da visão capitalista de mundo. Qualquer tentativa de ultrapassar esses limites é reprimida de todas as formas, desde a patologização até a criminalização.

O segundo aspecto da mentalidade neoliberal, estreitamente ligado ao primeiro, é a aceitação da competição como modo de funcionamento da sociedade e princípio de vida. A

sociedade e a vida são vistas como uma guerra de todos contra todos. Trata-se de uma ética na qual as desigualdades sociais não são vistas como um problema a ser superado, mas como uma saudável consequência do fato de que alguns são recompensados por serem mais inteligentes, criativos, talentosos, empreendedores, esforçados e, é claro, mais abençoados do que outros.

As versões mais agressivas dessa mentalidade alimentam as diversas formas de preconceito, a criação de todo tipo de barreiras sociais que impeçam os “fracassados” de incomodar os bem-sucedidos, a apologia do uso da violência para assegurar a normalidade social e, no limite, a defesa de práticas de extermínio de grupos da população.

A competição conecta-se à lógica de mercado e remete a outro aspecto da ideologia neoliberal, que é a tão propagandeada falácia de que a concorrência própria à lógica de mercado seria um mecanismo mais eficaz de satisfação das necessidades humanas do que o princípio do bem público. Em termos mais imediatos, trata-se da ideia de que as empresas privadas funcionariam melhor do que as instituições públicas.

A privatização dos transportes, dos serviços de saúde e das redes escolares é considerada como aumento da liberdade social. Funcionários públicos em geral são vistos como um peso para a sociedade, e a diminuição de gastos com as instituições públicas é vista como uma meta a ser alcançada, independentemente de qualquer avaliação sobre o que isso significará para os serviços prestados à população. É o caso, por exemplo, de cortes nos orçamentos da educação pública, que são anunciados como “economia” feita pelos governos nas esferas federal, estadual e municipal. Somente um processo de doutrinação muito intenso pode levar as pessoas a aceitarem que cortes nas verbas da educação sejam vistos positivamente como “economia” de gastos públicos.

Se a lógica de mercado é vista como a melhor forma de satisfação das necessidades humanas, é porque essas próprias necessidades são dimensionadas e qualificadas a partir de um único parâmetro avaliativo, que é o do valor econômico. As atividades humanas e, por consequência, a vida humana no seu todo, são reduzidas à unidimensionalidade desprovida de conteúdo, que se chama “dinheiro”. Na mencionada lógica competitiva que divide o mundo em “bem-sucedidos” e “fracassados”, os primeiros são aqueles que ganhem mais dinheiro.

Essa visão de mundo é uma religião cujo deus é o mercado e os sacerdotes são os economistas. Esses sacerdotes têm uma linguagem própria e dominam conhecimentos e rituais aprendidos por processos de treinamento e doutrinação. Nesse universo da ideologia neoliberal, em que o mercado é um deus e os economistas são os sacerdotes, é claro que esses sacerdotes interpretam os desígnios desse deus e decidem quem deve ser sacrificado nos altares econômicos, para que o mercado mostre boa vontade com um país. A todo tempo a imprensa se refere ao fato de o mercado ter reagido bem ou mal aos acontecimentos políticos. A oferenda que mais agrada ao deus mercado é a supressão de direitos e mecanismos de defesa dos trabalhadores. Uma das crenças muito valorizadas nessa cultura religiosa neoliberal é o empreendedorismo que, além de ser considerado uma virtude moral, é levado a toda a sociedade como a solução para o problema estrutural do desemprego. Como é próprio às crenças religiosas, também nessa tem grande importância a fé dos indivíduos que, nesse caso, se trata de fé em sua capacidade de concretização do sonho de ter seu próprio negócio, seu empreendimento.

Finalmente, outro aspecto da cultura neoliberal é a questão do conhecimento. Nessa cultura, a validade do conhecimento depende de sua utilização pela economia capitalista. Em palavras mais diretas, para a cultura capitalista conhecimento bom

é aquele que gera dinheiro. Esse pragmatismo capitalista em relação ao conhecimento tem vários reflexos.

Um deles é o fato de as Ciências Humanas sempre terem menos verba para pesquisas do que as Ciências Exatas e Biomédicas. Outro é a desvalorização das disciplinas de Ciências Humanas no currículo do ensino médio. Há também a difusão de uma atitude de suspeição em relação aos professores dessas áreas, que são os principais alvos de censura político-ideológica.

Mas além da questão das áreas de conhecimento, há também a atitude em relação a determinados temas que possam colidir com visões de mundo reacionárias. É o caso clássico do estudo sobre a evolução das espécies, cujo ensino escolar ainda é alvo de muita resistência por motivos religiosos. Atualmente é também alvo de censura ideológica pela extrema direita o ensino de conhecimentos relacionados ao tema do aquecimento global. Para essa direita obscurantista, a questão do aquecimento global é doutrinação esquerdista, politização indevida do debate científico.

Aqui temos um ótimo exemplo da inversão operada pelo pensamento obscurantista neoliberal, pois a desqualificação dos alertas de cientistas sobre o problema do aquecimento global é decorrente de interesses econômicos imediatistas. A estratégia ideológica é, pura e simplesmente, a de convencer a sociedade de que não há motivo para preocupação com a poluição e que o mais importante é aquecer a economia nacional. Para isso, emprega-se todo o tipo de argumentos desqualificadores dos cientistas e, por consequência, do conhecimento científico.

Como é próprio do pensamento neoliberal, o bom cientista, que produz bons conhecimentos, é aquele que se limita a fazer pesquisas sobre questões práticas de interesse da produção capitalista e que nunca faz questionamentos sobre os rumos que a sociedade toma em consequência da maneira como funciona a economia.

Esse contexto ideológico explica porque os professores, especialmente das escolas públicas, são vistos como potencial ameaça à formação das crianças e dos jovens. É preciso evitar, a todo custo, que os conhecimentos ensinados nas escolas possam levar a questionamentos que venham a resultar em saída do estado hipnótico que a doutrinação neoliberal produz nas pessoas. Os professores tornaram-se, então, suspeitos, até que se prove o contrário, de serem agentes de doutrinação esquerdista. Alunos e pais de alunos são incitados, especialmente pelo movimento Escola Sem Partido, a denunciarem professores que praticariam doutrinação esquerdista.

Segundo o professor Luiz Antônio Cunha,

As páginas do movimento ESP e de seus apoiadores trazem exemplos em geral caricatos de professores que usam a sala de aula como espaço de doutrinação político-ideológica, mas é significativo que nenhum caso é divulgado sobre a doutrinação religiosa, que é mais comum do que aquela. Fica claro que as religiões pregadas, da tradição cristã, são consideradas legítimas pelos defensores do pretenso conhecimento objetivo e da neutralidade do ensino, mas a situação mudaria completamente de figura se um docente adepto de religião afro-brasileira ousasse fazer o mesmo. (CUNHA, 2016, p. 36).

Vale a pena destacar que a doutrinação, como bem lembra o autor, não se limita à questão político-ideológica, mas também se apresenta em outras formas, como a da doutrinação religiosa que, por sinal, acontece com muita frequência nas escolas públicas brasileiras. Mas a doutrinação religiosa das crianças em nossas escolas raramente é problematizada, entre outros motivos, pelo fato de nossa sociedade encarar como na-

tural e, portanto, não colocar em questão, a doutrinação religiosa das crianças. Rodrigo Ratier assim descreve sua percepção dessa questão após visitar várias escolas brasileiras:

É um mundo não-oficial, mas muito concreto. A coordenadora pedagógica recomenda à mãe que o filho bagunceiro “tenha Deus no coração”; versículos bíblicos povoam os murais do pátio junto a frases de autoajuda; a professora de Artes passa desenhos da formiguinha evangélica Smilinguido para “trabalhar valores” com a turma; as festas da liturgia católica são todas comemoradas e o evento de fim de ano tem falas de padres e pastores.¹⁰

O próprio tratamento que o movimento Escola Sem Partido dá à questão da doutrinação mostra que, ao contrário do que afirmam seus defensores, suas posições em educação não são, de forma alguma, neutras, seja no sentido político, religioso, ético ou qualquer outro. A falsa neutralidade desse movimento já foi analisada de forma detalhada e aprofundada por estudos realizados por pesquisadores brasileiros organizados em duas coletâneas (FRIGOTTO, 2017; PENNA; QUEIROZ; FRIGOTTO, 2018). Esses estudos mostram que o grande objetivo desse movimento é atacar os professores, especialmente os das escolas públicas, e, ao mesmo tempo, difundir estratégias de consolidação de ambientes culturais obscurantistas e reacionários.

Como explica a professora Marise Nogueira Ramos, apoiando-se na análise desenvolvida por Dermeval Saviani sobre as relações entre educação e política, o que está em questão é o embate entre forças sociais que almejam a ampla democratização do domínio do conhecimento e aquelas que lutam para que esse domínio permaneça restrito às elites:

¹⁰ Disponível em: <https://rodrigoratier.blogosfera.uol.com.br/2019/11/25/a-real-doutrinacao-nas-escolas-e-religiosa/>. Acesso em 18/02/2020.

Portanto, se o conhecimento não é político em si, sem dúvida o são as relações que o produzem e que dele fazem uso, seja na educação, seja na produção. Justamente por isto, sua distribuição tem sido tanto desigual quanto controlada. E é este controle que pretende o Escola sem Partido. Daí seu caráter antidemocrático e autoritário. (...) A desigualdade na distribuição do conhecimento que interessa à classe dominante e dirigente explica, então, porque neste país se continua tendo escolas pobres e para pobres. Explica, ainda, porque o Escola sem Partido quer controlar particularmente as políticas curriculares e a prática pedagógica da escola pública. Para eles, certamente, o professor que vem dos segmentos populares ou os “intelectuais de esquerda” que atuam nessas escolas são ameaçadores. Daí controlá-los, perseguí-los e criminalizá-los. (RAMOS, 2017, p. 82).

Professores estão sendo ameaçados não porque sejam doutrinadores políticos esquerdistas, mas por tentarem, a despeito de tantas condições adversas, socializar o ensino da Ciência, da Arte e da Filosofia. O educador está sendo acusado do crime de tentar educar ao ensinar os conhecimentos cuja produção e preservação tem custado tantos esforços à humanidade. Não é, portanto, de se estranhar que o adoecimento de professores tenha se tornado um fenômeno de proporções preocupantes, já que ele reflete uma realidade social que ultrapassa o âmbito escolar.

No início deste texto afirmei que esse processo de adoecimento tem múltiplas causas conectadas umas às outras. O enfrentamento desse processo pode, portanto, ser feito de diferentes maneiras. No terceiro e último item deste texto defenderei que uma dessas maneiras é a da resistência ativa à doutrinação obscurantista neoliberal.

Resistir ativamente à doutrinação obscurantista neoliberal como estratégia de superação do adoecimento dos professores

Desde a década de 1990, o professor Dermeval Saviani tem defendido que os educadores adotem, no enfrentamento das políticas neoliberais, a estratégia da resistência ativa que seria, ao mesmo tempo, coletiva e propositiva. A adoção dessa estratégia pode ser também de grande ajuda na luta contra a doutrinação obscurantista neoliberal que vem agravando o problema do adoecimento dos professores.

O caráter coletivo dessa resistência não significa, porém, a desconsideração das individualidades, mas sim o reconhecimento de que, sendo o adoecimento do professor um problema com causas sociais mais amplas, seu enfrentamento não pode ser feito por meio de abordagens subjetivistas que coloquem sobre os ombros do indivíduo a responsabilidade exclusiva pela superação desse adoecimento. Ao defender a necessidade de resistência ativa, por parte dos professores, à doutrinação obscurantista neoliberal, não estou, de forma alguma, postulando que se tente excluir do universo cultural escolar as ideias pró-capitalistas. Isso seria um equívoco por vários motivos.

O primeiro é o de que seria uma atitude contrária à perspectiva democrática de educação. As crianças e os jovens, ao longo de sua formação, devem conhecer as várias concepções da sociedade e da vida, aprendendo a analisá-las criticamente e a se posicionar. Note-se que se trata de uma atitude oposta à da doutrinação obscurantista neoliberal, que pretende excluir da escola qualquer visão crítica da sociedade capitalista.

O segundo motivo pelo qual considero que a resistência à doutrinação neoliberal não significa tentar excluir do ambiente escolar as ideias pró-capitalistas, é o de que tal tentativa seria um total fracasso, já que, como analisei nos itens anteriores deste texto,

essa é a ideologia dominante em nossa sociedade e as pessoas não são doutrinadas nessa ideologia apenas pela escola, mas em todas as práticas sociais, como, por exemplo, a propaganda, as diversas formas de mídia, as igrejas etc.

Por fim, o terceiro motivo é o de que a melhor forma de resistir à doutrinação neoliberal é não agir de maneira doutrinadora, mas sim desenvolvendo o pensamento crítico por meio da aquisição do conhecimento em suas formas mais ricas. Ou seja, trata-se de construção de uma cultura escolar de valorização do esforço que a humanidade tem feito ao longo de séculos para a produção e difusão da Ciência, da Arte e da Filosofia.

A direita obscurantista neoliberal tem incitado a sociedade contra as escolas e os professores, como faz o ministro da educação, Abraham Weintraub, que acusou as universidades federais de plantarem maconha, produzirem drogas sintéticas, como metanfetaminas, e serem “madrças de doutrinação”¹¹. O verdadeiro alvo dessas críticas é a essência da educação, ou seja, em última instância, o neoliberalismo, tanto no campo da política educacional como no dos embates de concepções educacionais, visa combater a socialização do conhecimento. Resistir à doutrinação neoliberal em educação é, portanto, lutar para que a escola concretize seu papel de democratização do acesso à Ciência, à Arte e à Filosofia.

Como analisei no item anterior, a visão neoliberal de conhecimento é utilitarista e mercantilista. Nessa visão, o professor é transformado num mero técnico, que auxiliaria aos alunos a aprenderem apenas o que seja útil do ponto de vista da adaptação à economia capitalista. É nesse sentido que o movimento Escola Sem Partido afirma que a tarefa do professor deveria se limitar ao ensino dos conteúdos escolares, ao passo que a tarefa de educar caberia à família e às igrejas.

¹¹ <http://www.andifes.org.br/declaracoes-do-ministro-da-educacao-sobre-as/> Acesso em 26/12/2019

Essa visão tenta mutilar a educação escolar e, por consequência, o próprio professor, ao separar o ato de ensinar (ou instruir) do ato de educar. Mas, como o ato de ensinar não pode se separar do ato de educar e vice-versa, o que acaba ocorrendo é que o professor não está realmente sendo proibido de educar, mas sim sendo proibido de educar numa outra visão que não seja a da ideologia obscurantista neoliberal. A seleção do que ensinar e do que não ensinar na escola já é uma decisão educativa.

Segundo a jornalista Talita Fernandes, o atual presidente da República, Jair Bolsonaro, no dia 03 de janeiro de 2020 teria assim se expressado sobre a questão dos livros didáticos nas escolas brasileiras:

O presidente Jair Bolsonaro (sem partido) chamou os atuais livros didáticos de lixo e disse que seu governo deve modificar o material distribuído nas escolas a partir de 2021 para “suavizar o conteúdo”. “A questão dos livros, botei numa matéria ontem, já começa a mudar alguma coisa. Mas tem livros que eu vou ser obrigado a distribuir esse ano ainda levando-se em conta sua feitura em anos anteriores. Tem que seguir a lei. A partir de 2021, todos os livros serão nossos, feitos por nós. Os pais vão vibrar. Vai ter bandeira do Brasil na capa. Vai ter lá o hino nacional. Os livros hoje em dia, como regra, são um montão de amontoado de muita coisa escrita. Tem que suavizar aquilo. [...] Devemos buscar cada vez mais facilitar a vida de quem produz, fazer com que essa garotada aqui tenha um ensino que vá ser útil lá na frente. Não ficar nessa historinha de ideologia. Esse moleque é macho, pô. Estou vendo aqui, o moleque é macho, pô. E os idiotas achando que ele vai definir o sexo quando tiver 12 anos de idade-

de. Sai para lá”, disse, apontando para um garotinho de 6 anos que estava no colo do pai¹².

Deixando-se de lado a rudimentariedade peculiar da fala espontânea do presidente da República, ressalto que essa fala explícita de maneira bastante clara que a ideologia obscurantista neoliberal para a educação escolar não tem a mínima intenção de separar o ato de ensinar do ato de educar. A intenção de doutrinação não é sequer disfarçada.

Em primeiro lugar, trata-se de “suavizar” o conteúdo dos livros didáticos que, em sua versão atual, são “um montão de amontoado de muita coisa escrita”. Em outras palavras, uma das metas desse governo para a educação brasileira é o aligeiramento do currículo escolar por meio do empobrecimento dos textos dos livros didáticos.

Em segundo lugar, trata-se da aqui já mencionada limitação do conhecimento ao que seja útil do ponto de vista da adaptação à economia capitalista (“Devemos buscar cada vez mais facilitar a vida de quem produz, fazer com que essa garotada aqui tenha um ensino que vá ser útil lá na frente”).

Em terceiro lugar, trata-se de doutrinar as novas gerações na ideologia do patriotismo acrítico, como era feito pela disciplina “Educação, Moral e Cívica” no tempo da ditadura (“Os pais vão vibrar. Vai ter bandeira do Brasil na capa. Vai ter lá o hino nacional”). Não estou afirmando que os alunos não devam estudar nas escolas a letra do hino nacional e não devam conhecer a bandeira brasileira. É importante, por exemplo, que eles conheçam o contexto histórico em que se determinou que esses seriam símbolos nacionais, quem determinou sua escolha e os significados e sentidos contidos nesses símbolos. Como é o caso do controverso lema “Ordem e Progresso”, de origem positivista, inscrito na bandeira nacional.

¹² <https://amazonasatual.com.br/bolsonaro-chama-livros-didaticos-de-lixo-e-propoe-que-material-seja-suavizado-em-2021/> Acesso em 03/01/2019

Mas é evidente que não é esse tipo de estudo histórico que o presidente da República tem em mente quando afirma que todos os livros didáticos “serão feitos por nós” e trarão a bandeira e o hino nacional.

Em quarto lugar, trata-se da doutrinação das novas gerações de acordo com os padrões de uma cultura homofóbica e machista (“Esse moleque é macho, pô. Estou vendo aqui, o moleque é macho, pô. E os idiotas achando que ele vai definir o sexo quando tiver 12 anos de idade. Sai para lá”).

Não há dúvidas de que o presidente da República pretende que os livros didáticos sejam instrumentos de uma educação doutrinadora. Sua fala não indica que esteja disposto a se indagar sobre a possibilidade de uma parcela de professores, de alunos e de pais de alunos não concordar com essa educação de doutrinação neoliberal e obscurantista.

A educação escolar democrática não pode, porém, compactuar com essa doutrinação e precisa reafirmar que seu objetivo é a plena socialização da cultura científica, artística e filosófica. Deveria, então, o professor assumir uma posição neutra em termos éticos, políticos, filosóficos e científicos? A posição que defendo é a de que a educação democrática não deve ficar aprisionada à escolha entre doutrinação ou neutralidade.

Essa não é uma questão nova no campo educacional. No Brasil, na década de 1970, o tecnicismo educacional postulava a neutralidade e foi alvo de intensas críticas pelo pensamento educacional progressista. Na década de 1980, com a agonia da ditadura militar, a luta pela redemocratização da sociedade brasileira refletia-se na educação, gerando acalorados debates sobre as relações entre a competência técnica e o compromisso político dos educadores.

Para além das peculiaridades históricas da realidade brasileira, em outros países também se travava, a partir de distintas

motivações e perspectivas, o debate sobre a neutralidade e o posicionamento político-ideológico dos professores.

A título de exemplo, menciono o artigo do professor estadunidense Thomas E. Kelly, de 1986, intitulado *Discussing Controversial Issues: Four Perspectives on Teacher's Role* (Discutindo Temas Controversos: Quatro Perspectivas sobre o Papel do Professor). Nesse artigo, Kelly (1986) apresenta e analisa criticamente quatro posições dos professores perante a discussão, nas escolas, de temas polêmicos: exclusiva neutralidade, exclusiva parcialidade, imparcialidade neutra e imparcialidade posicionada (*committed impartiality*).

O autor argumenta que a atitude mais defensável por parte dos professores, diante da discussão de assuntos polêmicos na escola, seria a da imparcialidade posicionada. Não será possível aqui discorrer sobre todos os argumentos que Kelly apresenta ao analisar as quatro posições dos professores em discussões escolares de assuntos polêmicos, mas vale a pena citar as palavras finais do artigo, quando o autor sintetiza sua defesa da imparcialidade posicionada:

É o mais adequado porque apresenta um modelo de ser humano em pleno funcionamento, que se expressa e age de acordo com convicções fundamentadas. Sensivelmente encorajando o mesmo nos estudantes através da dinâmica do modelo [de posicionamento democrático e respeitoso] e das normas de imparcialidade, esse professor cria uma cultura educativa em que questões controversas relevantes de currículos importantes são legitimamente confrontadas sem comprometer a integridade do conteúdo da disciplina ou de si próprio. Dada essa lógica afirmativa, o princípio neutralista da igual restrição mostra-se como uma autocensura significativamente fora de lugar. Suprimir sua [do professor] exposição como um suposto requisito para buscar a justa censura de um partidaris-

mo estrito é análogo a jogar fora o bebê saudável da imparcialidade posicionada com a água suja do banho de parcialidade exclusiva ou preconceituosa. Como este artigo tentou sistematicamente demonstrar, as tarefas que se impõem aos educadores sociais não são nem a de sufocar a auto-exposição dos professores nem ceder à parcialidade irresponsável. Em vez disso, devem rejeitar como mito, como orientação equivocada, uma neutralidade desprovida de valores e que não se expõe, trabalhando continuamente para infundir o discurso da sala de aula com esse equilíbrio de posicionamento pessoal e imparcialidade que promete catalisar a inteligência crítica e a coragem cívica de nossos jovens cidadãos e de nós mesmos. Estes são desafios persistentes que não podemos e não devemos evitar¹³. (KELLY, 1986, p. 134, acrescentamos nossos).

Na perspectiva da educação democrática, os professores não devem se deixar aprisionar pela falsa escolha entre doutrinação ou neutralidade. Ao trabalharem para que as crianças e os jovens se apropriem da Ciência, da Arte e da Filosofia em suas formas mais ricas e desenvolvidas, os professores mostrarão aos seus alunos que conhecer o mundo é parte de algo

13 It is most proper because it presents a model of a fully functioning human being, one who expresses and acts upon reasoned convictions. Sensitively encouraging the same in students through the dynamics of modeling and the norms of impartiality, this teacher creates an educative culture in which relevant controversial issues of important curricula are legitimately confronted without undermining the integrity of either subject content or self. Given this affirmative rationale, the neutralist principle of equal restriction emerges as a significantly misplaced self-censorship. To suppress one's own self-disclosure as an alleged requirement for seeking the fair censure of a strict partisan is analogous to throwing out the healthy baby of committed impartiality with the fouled bath water of exclusive or prejudicial partiality. As this paper has systematically attempted to demonstrate, the compelling tasks for social educators are neither to choke teacher self-disclosure nor to concede to irresponsible partiality. Rather they are to reject as myth as misguidance a value-free and nondisclosing neutrality and to work continually to infuse classroom discourse with that balance of personal commitment and impartiality which promises to catalyze the critical intelligence and civic courage of both our youthful citizens and ourselves. These are persisting challenges we cannot, and should not, avoid.

maior, que é o processo de transformação permanente do mundo e de nós mesmos.

A resistência ativa à doutrinação obscurantista neoliberal é inspirada por uma atitude de confiança na capacidade da humanidade de construir uma forma de organização social que tenha por valor máximo a plena humanização de todas as pessoas, o que implica, igualmente, que as decisões sobre os rumos da sociedade considerem as consequências daquilo que fazemos no presente para o futuro próximo e distante da vida neste Planeta.

Referências

CUNHA, L. A. **O Projeto Reacionário de Educação**. Rio de Janeiro: Edição Independente, 2016. Disponível em: http://www.luizantoniocunha.pro.br/uploads/independente/ProjReacEd_livro.pdf Acesso em 24/12/2019.

FOSTER, J. B. **Capitalism has failed** – What next? Monthlyreview.org, 2019. Disponível em: <https://monthlyreview.org/2019/02/01/capitalism-has-failed-what-next/> Acesso em 28 dez. 2019.

FRIGOTTO, G. (Org.). **Escola “Sem” Partido**. Esfinge que ameaça a educação e a sociedade brasileira. Rio de Janeiro: UERJ, LPP, 2017.

KELLY, T. E. Discussing Controversial Issues: Four Perspectives on the Teacher’s Role. **Theory and Research in Social Education**, Silver Spring, EUA, volume XIV, n. 2, p. 113-138, 1986.

KORNBLUH, P. **The Pinochet File**: A Declassified Dossier

on Atrocity and Accountability. A National Security Archive Book. New York, USA, The New Press, 2003.

PENNA, F; QUEIROZ, F.; FROGOTTO, G. (Orgs.). **Educação Democrática**. Antídoto ao Escola sem Partido. Rio de Janeiro: UERJ, LPP, 2018.

RAMOS, M. N. Escola sem Partido: a criminalização do trabalho pedagógico. In: FRIGOTTO, Gaudêncio. (Org.). **Escola "Sem" Partido**. Esfinge que ameaça a educação e a sociedade brasileira. Rio de Janeiro: UERJ, LPP, 2017, p. 75-85.

MARILDA GONÇALVES DIAS FACCI

SONIA DA CUNHA URT

Organizadoras

**QUANDO OS PROFESSORES
ADOECEM: DEMANDAS PARA A
PSICOLOGIA E A EDUCAÇÃO**

Campo Grande
2020



Direitos exclusivos para esta edição

Divisão da Editora UFMS - DIEDU/AGECOM/UFMS
Av. Costa e Silva, s/nº - Bairro Universitário, Campo Grande - MS, 79070-900
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Fone: (67) 3345-7203
e-mail: diedu.agecom@ufms.br

Conselho editorial

Profa. Dra. Alexandra Ayach Anache, Profa. Dra. Angela Fátima Soligo, Profa. Dra. Camila Turati Pessoa, Profa. Dra. Celi Correa Neres, Profa. Dra. Edneia Nunes Cerchiari, Prof. Dr. Herculano Ricardo Campos, Profa. Dra. Luciane Pinho de Almeida, Profa. Dra. Maria Eleusa Montenegro, Dra. Marli Lucia Tonatto Zibetti, Profa. Dra. Roseli Fernandes Lins Caldas.

Equipe Técnica:

Revisão: Soraya Cunha Couto Vital

Capa: Rosana Bacicheti Gonçalves Rizzo

Diagramação: Daguia Castro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Coordenadoria de Bibliotecas – UFMS, Campo Grande, MS,
Brasil)

Quando os professores adoecem [recurso eletrônico] : demandas para a psicologia e a educação / Marilda Gonçalves Dias Facci, Sonia da Cunha Urt, organizadoras. – Campo Grande, MS : Ed. UFMS, 2020.

Modo de acesso:
<https://repositorio.ufms.br>
Texto em português e espanhol.
Inclui bibliografia.
ISBN 978-65-86943-20-7

1. Professores – Saúde e higiene. 2. Professores – Stress ocupacional. 3. Trabalho – Aspectos psicológicos. I. Facci, Marilda Gonçalves Dias. II. Urt, Sonia da Cunha.

CDD (23) 371.1

Bibliotecária responsável: Wanderlice da Silva Assis – CRB 1/1279

SUMARIO

PREFÁCIO.....	05
Silvia Maria Cintra da Silva	
APRESENTAÇÃO.....	11
Marilda Gonçalves Dias Facci / Sonia da Cunha Urt	
PARTE I.....	21
EDUCAÇÃO, DESENVOLVIMENTO DO PSIQUISMO E SOFRIMENTO	
CAPÍTULO 1 A resistência ativa dos professores à doutrinação obscurantista neoliberal.....	23
Newton Duarte	
CAPÍTULO 2 Inconsciente e adoecimento psíquico na psicologia histórico-cultural: estudo a partir da atividade docente.....	45
Flavia Gonçalves da Silva	
CAPÍTULO 3 Atividade, significação e sentido: bases do sofrimento psicológico e a especificidade do adoecimento do professor.....	73
Armando Marino Filho	
CAPÍTULO 4 El maestro y los determinantes de su formación y desarrollo.....	105
Diego J. González Serra	
CAPÍTULO 5 O trabalho docente na rede estadual e impactos na docência: ensaio a partir de experiências de campo no estado de São Paulo.....	121
Cristina Miyuki Hashizume	